

DA ÁRVORE

Para os meus amigos no
Colégio Estadual do
Paraná

Prof. GUILHERME BUTLER

O dia da árvore, como sabemos, originou-se nos Estados Unidos da América do Norte, onde, no Estado de Nebraska, pela influência do senhor J. Sterling Morton, Secretário de Agricultura daquele Estado, se realizou, no ano de 1872, pela primeira vez uma linda e significativa festa dedicada às árvores. Desde aquela data estendeu-se este costume rapidamente pelos quarenta e oito Estados da União Americana e de lá passou para outros países, até que hoje não há Estado civilizado que nas suas escolas não festeje anualmente um dia consagrado à árvore.

O principal objetivo, meus amigos, da comemoração deste dia é o cultivo nos corações da juventude do afeto pela natureza, como revelada nas árvores, nos arbustos e nas flores, com a esperança de que assim seja obstada a desnecessária destruição das florestas e os arredores das escolas e das residências sejam embelezados. Este dia quer imprimir nos corações da nova geração o importante fato que a terra sem as florestas não é capaz de produzir o necessário sustento para os homens e os animais. Este dia quer contribuir para a formação de hábitos de observação que induzam a mocidade a admirar as nossas nobres árvores e a compreender que são elas entre as mais esplendidas produções da natureza e que elas formam a mais bela roupagem que adorna a terra de todos os países.

Quanto as pesquisas e observações científicas podem constatar, é provável que a maior parte da terra seca do globo terrestre estava, na primeira época da história do nosso

planeta, coberta de floresta que consistia de grande variedade de árvores e arbustos agrupados de acordo com as condições climáticas do solo e a configuração das várias localidades. Quando as árvores velhas alcançaram o limite de sua vida, elas desapareceram e árvores novas tomaram o lugar delas. As condições para uma regeneração ininterrupta da floresta continuavam favoráveis, e o resultado foi uma produção viscosa, devido às forças criadoras do solo e do clima. Depois apareceu o homem e começou a intervir, até que hoje na maior parte dos países as áreas florestais têm sido consideravelmente reduzidas. A primeira intervenção foi, talvez, devido à introdução de animais domésticos: os homens queimavam as florestas para ganhar pasto para os seus rebanhos. Mais tarde medidas semelhantes eram tomadas para fins agrícolas. Nos tempos modernos enormes áreas de florestas têm sido destruídas pelas derrubadas para fins econômicos.

A distribuição e o caráter das atuais florestas são muito variados. Grandes partes da terra estão ainda cobertas de altas árvores, enquanto que outras contêm cerrados e campos e desertos. Em regra geral, as florestas naturais consistem de várias espécies de árvores misturadas; mas em alguns casos certas espécies, chamadas gregárias, têm conseguido obter a preponderância, formando assim florestas compostas de uma única espécie de árvores. O número de espécies de árvores numa floresta difere muito. Em muitas florestas tropicais centenas de espécies de árvores podem ser encontradas numa área comparativamente pequena, enquanto que em outros casos o seu número é limitado. A Europa Central possui cerca de quarenta espécies de árvores nas suas florestas, e

a maior parte da Rússia, Suécia e Noruega tem florestas com apenas meia dúzia de árvores. A elevação acima do nível do mar e a latitude são fatores salientes na distribuição e no número e nas qualidades de árvores. Geralmente falando, pode-se dizer que nos trópicos, onde o clima não é modificado pela elevação do terreno, abundam árvores de folhas largas, palmeiras e bambús. Aqui encontram-se as melhores madeiras, como teca, mogno e ébano. Os países setentrionais são ricos de coníferas.

Para o homem e para a natureza as florestas têm valor direto e indireto, aquele principalmente pelos frutos que elas dão e este pela influência que elas exercem sobre o clima, a distribuição da umidade, a estabilização do solo e salubridade e beleza do país.

Um pedaço da terra sem vegetação está exposto, durante todo o ano, às influências do sol e das correntes do ar e às condições climáticas produzidas por estes agentes. Se

pelo contrário, um pedaço de terra está coberto de plantas e especialmente de densa vegetação florestal, goza ele dos benefícios de certos agentes que modificam o efeito do sol e do vento sobre o solo. As copas das árvores interceptam os raios do sol e as gotas da chuva; elas obstruem o movimento das correntes do ar e assim conservam a umidade do solo. As flores, as folhas e as frutas, com certas plantas que crescem na sombra das árvores, formam uma camada de terra vegetal ou húmido, que protege o solo das bruscas mudanças de temperatura e tem grande influência sobre os movimentos da água nele. As raízes das árvores penetram no solo em todas as direções e seguram as suas partículas. Os efeitos destas intervenções têm sido observados desde tempos remotos e várias opiniões têm sido for-

mas quanto aos seus resultados. Nos últimos anos, entretanto, observações mais cuidadosas têm sido feitas nas chamadas estações paralelas, quer dizer, um terreno no meio da floresta e um outro fora dela, mas ambos expostos às mesmas condições gerais. Deste modo foram obtidos os seguintes resultados: 1º. As florestas reduzem a temperatura do ar e do solo e tornam o clima mais uniforme. 2º. As florestas aumentam a umidade relativa do ar e reduzem a evaporação. 3º. As florestas promovem a precipitação da umidade. 4º. Elas auxiliam na regularização do abastecimento de água, suprimindo mais regularmente as suas fontes e assim reduzem as inundações violentas e tornam a corrente das águas dos rios mais contínua. 5º. As florestas impedem os desnudamentos, as corrosões, os desmoronamentos, as avalanches, a obstrução de rios com aluviões e a formação de dunas. 6º. As florestas reduzem a velocidade das correntes do vento, protegem os campos dos ventos frios e secos e oferecem abrigo ao gado, à caça e aos pássaros. 7º. Em certas condições as florestas melhoram a salubridade de uma região e auxiliam na sua defesa. 8º. Last but not least, as florestas aumentam a beleza de um país e exercem influência estética sobre o seu povo.

Os benefícios diretos das florestas são devidos à sua produção, ao capital que elas representam e ao trabalho que elas mesmas fornecem. A principal produção das florestas consiste na madeira e na lenha. Ambas são necessárias na vida de um povo. O capital empregado nas florestas consiste principalmente no valor do solo e da madeira. Esta última é geralmente de mais valor do que o primeiro, quando as florestas são administradas de modo prático e econômico. As florestas exigem trabalhos de várias espécies, como para a administração, a formação, o cuidado e as derrubadas e o transporte do produto.

O proveito que um país tira da utilidade direta das suas florestas depende de várias circunstâncias, como a posição do país, as suas comunicações, o valor da terra e da mão de obra, o clima e a configuração geográfica e outras semelhantes condições.

Devíamos agora dizer algo dos modernos viveiros de árvores e da horticultura, mas o valor dos mesmos é tão evidente que não me atrevo de abusar da vossa paciência.

Passemos, pois, para algumas lições práticas.

Quanto à vegetação, ocupa o nosso Brasil um lugar privilegiado entre os países do mundo. Possui ele a maior floresta do orbe terrestre, a Amazônia, e as suas imensas campinas e savanas e cerrados apresentam uma vegetação de incomparável riqueza e beleza. Devemos o nosso bem-estar a este manto vegetal que cobre a nossa querida pátria. É ele que garante a produtividade do nosso solo; é ele que alegria o nosso espírito e apazigua as perturbações da nossa alma. Cuidar para que o Brasil não esteja despido deste seu esplêndido manto, deve ser a nossa santa obrigação e perene preocupação. O feroz instinto de destruição que herdamos dos remotos tempos quando os nossos avoengos derrubavam as milenárias florestas para fazer lugar para as suas moradas já tem produzido sérios estragos também no Brasil. Diz o meu saudoso amigo doutor Teodoro Sampaio que o Sergipe, cuja área nos tempos coloniais continha quarenta e um por cento de florestas, hoje possui apenas um décimo de um por cento. Em outros Estados do Nordeste brasileiro, como tive a oportunidade de constatar, as insensatas derrubadas durante os primeiros séculos da nossa existência também quase que destruíram todas as matas. Dizem os entendidos que as periódicas secas que assolam aquelas regiões são devi-

das em parte à falta de matas. A nossa Curitiba quase que já não merece mais o seu belo nome. Como sabemos, o significado da palavra «curitiba» é «muito pinhão». Agora os pinhões que comemos vêm de longe.

Um menino com uma machadinha é ainda um desolador e com um machado, já um flagelo. Não vemos isto confirmado todos os anos na triste sorte de muitas das árvores com que a prefeitura procura embelezar as ruas da nossa cidade? Há poucos anos, quando estive em Cuiabá, li no relatório do prefeito daquela cidade que ele foi obrigado a mandar fechar o portão da praça arborizada em frente do Liceu Cuiabano, porque os estudantes estragavam as árvores e as flores.

Amigos, o objetivo do dia da árvore é que por meio de instrução este instinto de destruição seja substituído por um instinto de conservação e carinho. Devemos seguir o lindo exemplo de alguns países cujos habitantes plantam uma árvore no dia do casamento, no dia da chegada de um novo cidadão ao mundo e no dia em que um ente querido parte para a pátria celeste. Que memorial mais lindo para estes importantes acontecimentos do que uma árvore?

Diz o poeta Alexandre Pope que uma árvore é mais impressionante do que um príncipe nos seus trajes de coroação. Um outro poeta, o americano Holmes, afirma que, quando plantamos uma árvore, transformamos este planeta em uma morada mais atrativa para nós mesmos e para os que virão após nós. E o famoso cientista e explorador Guilherme von Humboldt, falando de árvores numa das suas obras, diz: «As árvores se revestem de algo atrativo e belo. Não podendo mudar os seus lugares, elas são testemunhas de todas as mudanças que se realizam em

redor delas; e como algumas alcançam grande idade, tornam-se por isso monumentos históricos, e têm, como os homens, vida, a sua época de crescimento e a sua hora de morte, não sendo assim inanimadas e invariáveis, como os campos e os rios. Vêmo-las passando pelas várias fases e gradualmente se aproximando da morte, o que as torna mais parecidas conosco».

Não admira que o homem primitivo, observando o crescimento e a morte das árvores, a elasticidade dos seus galhos, a sensibilidade e o anual perecimento e renascimento da sua folhagem, antecipou de seu próprio modo a tendência da ciência moderna para diminuir o golfo entre o mundo animal e vegetal. Quando filósofos sisudos como Aristóteles e Plutarco pensavam que as árvores possuem percepção, paixões e raciocínio, pensadores menos profundos podem ser desculpados por ter atribuído às árvores idéias humanas e poderes sobrenaturais, e por ter possuído crenças inteiramente razoáveis e lógicas do ponto de vista primitivo. A história do chamado culto às árvores, praticado por vários povos primitivos, é muito interessante e instrutiva. Como aqueles povos na sua ignorância adoravam as árvores,

— 145 —
manda a nossa esclarecida época que respeitemos e protejamos estas nobres criaturas, nossas benfeitoras.

Acho que todos concordaremos que de todas as obras da arte humana uma catedral é a maior. Mas me parece que uma gigantesca árvore, como a majestosa sumaúma que admirei na Praça da Basílica de Nazaré em Belém, é mais sublime do que este mais suntuoso santuário do Brasil.

Com a seguinte pequena poesia ganhou o jovem poeta americano Joyce Kilmer a imortalidade:

TREES

I think that I shall never see
A poem lovely as a tree.
A tree whose hungry mouth is prest
Against the sweet earth's flowing breast;
A tree looks at God all day,
And lifts her leafy arms to pray;
A tree that may in summer wear
A nest of robins in her hair;
Upon whose bosom snow has lain;
Who intimately lives with rain.
Poems are made by fools like me,
But only God can make a tree.

Quem fará uma boa tradução para o nosso mensário?

Estado do Paraná
21 de setembro de 1952